

FATOS E NOTAS

DOMÍNIO GEOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA.

O português é o estágio atual de uma língua anterior, o **latim vulgar** ou **corrente**, outrora falado em todo o Império Romano. Diversas foram as causas, externas e internas, da diversificação do latim na Ibéria. Das primeiras, a mais importante foi, sem dúvida, o fato político-social da fragmentação do vasto império de Roma. No entanto, as causas intrínsecas constituem a essência mesma da diversificação. Destacam-se: o **polidialeto** do **latim vulgar** invasor, a **cronologia** das invasões e a influência do **substrato** lingüístico peninsular.

Numa reconstituição rápida, são as seguintes as principais fases da evolução: os romanos penetraram na Península Ibérica no século III a. C., mas a romanização total somente se completou quase dois séculos depois, após a conquista da faixa ocidental, em 197 a. C.

No início do século V, em face das profundas alterações que havia sofrido, o **latim vulgar** já se apresentava em nova fase: o **romanzo**, falar intermediário entre êle e as línguas românicas. Nesse século, os bárbaros invadiram a Península. Eram povos germânicos e compreendiam várias nações: **alanos**, **vândalos**, **suevos** e **visigodos**. Apesar de vencedores, não estavam em condições de impor sua civilização, inferior à dos habitantes da Península; integraram-se, pois, no estilo de vida peninsular, adotando, inclusive, o **romanzo**, apenas modificado pelo acréscimo de certo número de vocábulos.

Três séculos mais tarde chegaram os árabes, que praticamente dominaram todo o território ibérico. A língua dos novos invasores foi declarada oficial mas, embora veículo de cultura mais avançada, não chegou a anular o **romanzo**, que permaneceu como língua do povo subjugado.

Durante a dominação árabe, a oposição cristã não desapareceu de todo. A reconquista, partindo das montanhas das Astúrias, foi um movimento vitorioso graças à eficácia das **cruçadas** que se organizaram. Nelas tomavam parte fidalgos oriundos de outros reinos, como foi o caso de D. Henrique, conde de Borgonha. Em recompensa pelos assinalados serviços prestados

à causa cristã da reconquista, D. Afonso VI, rei de Leão, concedeu-lhe em casamento sua filha natural D. Tareja, outorgando-lhe o Condado Portucalense, que ficava a noroeste da Península, entre os rios Douro e Minho.

A nacionalidade portugueza só começou, de fato, com Afonso Henriques, filho do Conde de Borgonha, que em 1139 bateu os infiéis em Ourique e fez-se proclamar 1.º rei de Portugal em 1143. Depois da independência, Afonso Henriques e seus sucessores prosseguiram na luta contra os mouros até que, em 1250, Afonso III incorpora o Algarve, fixando os limites definitivos de Portugal.

Ao noroeste da Península, na região entre os rios Douro e Minho, viviam os lusitanos e os galegos, originários dos antigos iberos e celtas e posteriormente influenciados pelos suevos. O falar dessa região sempre se distinguiu de outros falares da **Hispania**, por força de circunstâncias históricas e mesmo étnicas: a tardia romanização, o fundo celta, a pequena influência árabe. Daí ser o dialeto **galaico-português** tão distinto dos demais que evoluíram do românico peninsular.

Da independência portugueza resultou a diferenciação entre o **português** e o **galego**, a princípio pequena, mas se acentuando cada vez mais, à proporção que Portugal se firmava como nação, dilatava as fronteiras de seu território e adquiria maior importância política. Enquanto o português surgia com o prestígio de língua oficial de país independente, o galego acompanhava o destino humilde da Galiza, sufocada sob o crescente predomínio de Castela. Por isso, no século XVI, o português já se apresenta como língua inteiramente autônoma de seu co-dialeto.

* *
*

GEOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Consolidado o domínio do seu território continental, Portugal lançou-se, no século XV, à grande aventura ultramarina, a maior epopéia marítima da História. Graças às conquistas portuguezas que se iniciaram com a tomada de Ceuta em 1415, o português passou a ser falado em todos os continentes e hoje, apesar dos reveses que o Império luso vem sofrendo desde o século XVII, é uma das línguas mais difundidas no mundo. A sétima parte da Terra, aproximadamente, se expressa em português e, depois do espanhol, é o idioma românico falado por

maior número de pessoas. Nada menos que noventa milhões falam o português, no que é superado apenas pelo inglês, chinês e russo.

Infelizmente não existe estudo moderno da **geografia** completa da língua portuguesa. Por isso, continua válido o roteiro traçado por José Leite de Vasconcelos, o fundador da dialetologia entre nós e, sem favor nenhum, ainda a maior autoridade neste assunto. Nos moldes modernos, têm surgido estudos esparsos nos periódicos especializados e Manuel de Paiva Boleo já lançou as bases da organização do **Atlas Lingüístico Português**.

A área territorial da língua portuguesa abrange:

Europa.

Na Península Ibérica, fora de Portugal, ainda se encontram núcleos populacionais em que o português concorre com o dialeto leonês. É o que acontece em Almedilha, na província de Salamanca. Análoga situação se verifica em duas zonas da província da Cáceres: na parte noroeste fala-se português em Valverde del Fresno, Eljas e San Martín de Trevejo; ao sul, em Cedillo e Herrera de Alcántara. Naturalmente a língua desses "**pueblos**" tem acentuados rasgos dialetais (neste caso do dialeto da Beira) e sofre influências do castelhano, principalmente no vocabulário. No concelho de Barrancos, extremo oriental do Alentejo, e em Olivença, ao norte desse concelho, fala-se um subdialeto português, o alentejano; já em Ermisende, aldeia da província de Samora seus habitantes falam uma variedade de português trasmontano, que sofre a concorrência do espanhol língua oficial.

Fora da Península, o português é a língua geral falada nos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Duas causas contribuíram para que a língua portuguesa se expandisse fora da Europa: as descobertas e conquistas dos navegadores dos séculos XV e XVI, e as emigrações modernas para a América. Como resultado, a área geográfica vastíssima do português.

África.

Fala-se o português no arquipélago de Cabo Verde, na Guiné portuguesa, nas ilhas portuguesas que ficam no golfo do mesmo nome, São Tomé e Príncipe; na costa oriental, o português concorre com as línguas indígenas e outras, como ~~se~~

verifica em Moçambique, Quíloa, Zanzibar, Mombaça e Melinde. Em Angola e Moçambique, as maiores e mais ricas províncias portuguesas da África, fala-se um português bastante puro, embora haja numerosas línguas indígenas faladas pelos africanos. A tendência, porém, é a imposição da língua mais culta, uma vez que a civilização européia tende a atrair os negros e mestiços.

Ásia.

O português era a língua oficial de Goa, Diu e Damão, cidades marítimas da costa da Índia, que só recentemente deixaram de pertencer a Portugal; sob formas dialetais, aparece em Bombaim, Cochim, Baçaim, Mangalor, Cananor e Maé. É falado também em Ceilão, Macau, Java, Malaca e Timor.

América.

A língua portuguesa é falada, no Brasil, por setenta milhões de pessoas que constituem a maior nação latina do mundo; ainda no continente sul, encontra-se um dialeto **crioulo** português em Curaçao e na região do alto Surinam, na Guiana holandesa.

Atualmente, a colônia portuguesa nos Estados Unidos já conta com algumas centenas de milhares de sêres. Por outro lado, cresce a importância política do Brasil e a difusão do português surge como necessidade imperiosa, ao ponto de ter sido declarada “língua crítica”, isto é, de ensino preferencial. Os centros de cultura latino-americanos estão emprestando a maior importância ao ensino da língua portuguesa, que faz parte do currículo das seguintes Universidades, pelo menos: **New York, Columbia, Harvard, Yale, Wisconsin, Michigan, Stanford, Kansas, New Mexico, Indiana, Tulane e Vanderbilt.**

A maioria dos portugueses vive nos Estados da Califórnia e de Massachusetts, embora não seja pequena a colônia de New York. Entre os periódicos editados em língua portuguesa, sobressaem, pela importância, o **Diário de Notícias**, de New Bedford, um dos mais antigos, **Novidades**, de Massachusetts, **New Jersey Luso Americano**, de New Jersey, **A Luta e Pan-American Radio y Hacienda**, de New York, os dois últimos também editados em espanhol.

* *
*

Em síntese, é este o quadro dialetológico da Língua Portuguesa, segundo estudos de Leite de Vasconcelos:

I. — Português:

A. — Dialectos continentais:

1. — interamnense: (Entre-Douro-e-Minho):

- a). — subdialeto alto-minhoto;
- b). — subdialeto baixo-minhoto;
- c). — subdialeto baixo-duriense.

2. — trasmontano: (Trás-os-Montes):

- a). — subdialeto raiano;
- b). — subdialeto alto-duriense;
- c). — subdialeto ocidental e central.

3. — beirão: (Beira Alta e Beira Baixa):

- a). — subdialeto alto-beirão;
- b). — subdialeto baixo-beirão;
- c). — subdialeto ocidental.

4. — meridional: (sul de Portugal):

- a). — subdialeto estremenho;
- b). — subdialeto alentejano;
- c). — subdialeto algarvio.

B. — Dialectos insulanos:

- 1. — açoriano. (Açores);
- 2. — madeirense. (Madeira).

C. — Dialectos ultramarinos:

1. — brasileiro.

2. — indo-português:

- a). — dialeto crioulo de Diu;
- b). — dialeto crioulo de Damão;
- c). — dialeto norteiro (Bombaim, Baçaim, etc.);
- d). — português de Goa;
- e). — dialeto crioulo de Mangalor;
- f). — dialeto crioulo de Cananor;
- g). — dialeto crioulo de Maé;
- h). — dialeto crioulo de Cochim;
- i). — dialeto crioulo da costa de Coromandel.

3. — dialeto crioulo de Ceilão;

4. — dialeto crioulo macaista ou de Macau;

5. — malaio-português:

- a). — dialeto crioulo de Java;
- b). — dialeto crioulo de Malaca e Singapura;

6. — português de Timor;

7. — dialeto crioulo caboverdiano ou de Cabo Verde;
8. — dialeto crioulo guineense ou da Guiné;
9. — dialetos crioulos do gôlfo da Guiné:
 - a). — dialeto da ilha de São Tomé;
 - b). — dialeto da ilha de Príncipe;
10. — português das Costas d'África (Angola, Moçambique, Zanzibar, Mombaça, Melinde, Quíloa).

II. — Co-dialeto português — o galego.

O ilustre filólogo e lingüista português, ciente das dificuldades que cercam os estudos dialetológicos, não desconhece a fragilidade das conclusões que não se apóiam em dados recolhidos criteriosamente e cientificamente. Previne, pois, que sua classificação é sobretudo geográfica, embora com seus fundamentos lingüísticos e históricos.

A falta de mapas dialetológicos traçados segundo os ditames da moderna **geografia lingüística** impede o conhecimento rigoroso das particularidades dialetais de cada região, e, conseqüentemente, qualquer alteração substancial do quadro transcrito acima. Os bons trabalhos esparsos que vão surgindo nos periódicos especializados suprem, em parte, a lacuna. Muitos estão registrados em fontes bibliográficas, como: **La Dialectologie (Aperçu historique et Méthodes d'enquêtes linguistiques) — Première Partie: Dialectologie Romane**, Par Dever Pop, Louvain, **Bibliothèque de l'Université**, 1950, p. 435 et seqs.; **Opúsculos**, vols. I e IV (Filologia), por José Leite de Vasconcelos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928 e 1929; **Guia para estudos dialetológicos**, por Serafim Silva Neto, Belém, 1957, p. 13; **Amostras de uma bibliografia crítica dialetal portuguesa**, por M. Paiva Boléo e A. Gomes Ferreira, in **Revista Portuguesa de Filologia**, v. I, t. I, p. 199, Coimbra, Casa do Castelo, Edição, 1947; **Gramática Portuguesa** por Pilar Vazquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Lua, Madrid, Editorial Gredos, 1961, *passim*.

* *
*

Textos dialetais portugueses.

1. — Linguagem de Ermisonde (conto popular).

Er' ua porca, ê tinha sete ou oito bácoros, ê staba ao pé d' um moinho, ê despos foi um lobo por ali ê dixo-le que l'iba a comer os bácoros.

— Pous agora nu' m'os comas, sim os bautizar.

Despous dixo-le que se foss' êl ó fôndo da calhêlha, que lá l'os iria botando pela calhêlha a baixo. I adespous botou-l'a-i-auga ó moinho, i atrougo o logo ó redór, astáque se pôfo tônto, ê mentres já nôm scapou a pórca c'os bácoros. Despous quedou o lobo dêzêndo que seu pai nunca fôra bautizador de bácoros.

Despous foi mais a baixo i ancontrou c'ua-i-egua, ê dixo-le q'ib' à comê-la, i ela dixo-le que nu' na comêsse, que staba desferrada, que le botêsse ua ferradura antes di a comer. I afoi a botá' la ferradura i adou-l' um couce nos dentes, ê botou-o de patas ó aire. Despous quedou o lôbo dezêndo que seu pai nunca fôra ferrador, mentre já nom scapou-se a-i-egua.

Foi mais a baixo, i êncontrou dous carneiros, e dixo-le qu'os ib' à comer, ê dixérom-le que tinhã pirmeiro que partir aquêl prado donde stabã pacendo. Adixérom-le que se pufesse êl no médio, ê despous fôrom, um d'ua punta, i outro da outra, i dérum-l'ua rubada, i arrebentérum-no lobo, i adespous os carneiros scaperum, i ó lôbo quedou dezendo que l' era be feito aquêlo, que seu pai nunca fôra partidior de prados.

(Transcrito foneticamente, nos limites da ortografia portuguêsa. **Apud** Leite de Vasconcelos, **Opúsculos**, vol. IV, págs. 601-602).

2. — Linguagem portuguêsa de Almedilha (o padre-nosso).

Padre nosso q' istais no Ceu, santeficado séija o bosso numi, benha a nós o bosso reino, seija feito á bossa buntade, assim na terra como no ceu; o pão nosso de cada dia nos dá ôndji, perdoai-nos as nossas dibedas, assim como nós perdoamos ós nossos debedores, nu' nos deixeis cair na atentação, librai-nos, Senhor, de todo o mal. Amei Djajús.

(**Idem, ibidem**).

3. — Exemplos de dialetos crioulos (parábolâ do filho pródigo).

a). — d. crioulo norteiro ou do norte da Índia.

Um cert hom tinh doi filh: O pequen ji fallou por su pai: Pai, dá por mim mim heranç. Su pai já deu par ell su heranç. Depois d' algum di o pequen filh juntand tud que tinh pertencend par ell, já foi fôr da terr, e ali despendeu tud su dinheir no comer, beber, etc. Depois d'ell despender tud, ali ji cahiu um fort fom n'aquell terr, e ell ji ficou bem pobr. Então ell já foi e ji ficou serv num caz d'um rich hom d'aquell terr. E ell ji mandou no su vargem pu dá comer pu porc. Tant er fom d'aquell ra-

paz, que ell até havi de comem comer do porc. Mas ell pensand em si mesm ji fallou: Quant serv no caz do meu pai tem bastant pu comem e bebê, e aqui eu tá morrend com fom!

b). — crioulo de Ceilão:

Per hum certo home tinha dous filhos: E o mais pequenino de elles já falla per su pai, Pai da per mi o quinhão de o fazendos que per mi te compete. E elle já reparti per ellotros sua fazendo. E não muito dias despois, o filho pequenino juntando todo, já parti per hum longe terra; e ali ja gasta sua fazendos vivendo soltamente. E despois d'elle ja gasta todo, tinha hum forte caristia n'aquel terra; e elle ja começa per suffri necessidade. E elle ja foi e ja junta si-mesmo per hum cidadão de aquel terra; e elle ja manda elle per sua varzis per pasta porcos. E elle tinha desejado per enchi sua barriga com o fruitas que o porcos ja come: e ninguem nunca da per elle. E alembrando ne si-mesmo elle ja falla. Per que tanto servidors de minha pai tem paõ em abundancia, mas eu aqui te morre de fome!

c). — crioulo de Mangalor:

Um certo homi tinha dois filh: E pequenino d'elloutro ja falla por su papa: papa, da minh fazend's porçom que te cahi por mi. E elle já dividi entre elles su's porçom. E nunca passa muito di, o filho pequenin ja junta tud junt, ja foi longe nu um terr distanti, e alli ja desperdiça su fazend com vid má. E despois de gasta elle tudo, ja vi n'aquelle terr grandi caresti e elle ja principia per fica nu falt. Elle ja foi e fica com um d'aquelle terr's cidadom, elle ja manda per elle nu su varj par cria porc. E elle mais antes tinha enche su barrig com casc que porc tina come: e nenhum home ja da per elle. E ja volta per si mesm, ella ja falla: quant pagament's servidor minh papa's casa fica fart com pom, e eu aqui tu morre com fome!

d). — crioulo de Diu:

Um homm tinh doiz filh: Já fallou por su pai aquêl mais piquin, que da cá su quiaõ que ta pertencê a êll. E êll já repartiu por tud doiz filh tud quant tinh. Depois de passá algum tempo fêz um imbui de tud su fat aquêll rapaz piquin e já foi ficá n'um terr bastant lonj e estranh e ali já deu cab de tud, fazend munt estragaçãõ. E depois de ter dad cab de tud, sucedeu vi n'aquêll terr grand caristi e êll prinspiou ter pricizaõ. Já sahiu d'ali e já ficou com um homem d'aquêll terr. Mais est já mandou por aquêll por um quintal d'ell par toma cuidad de sua criaçãõ de porc parc. Nest lugar tinh buscá êll inchê su barrig

com comêr d'aquêll porc porc, mais ninguem nã tinh dá.
Até qui já pensou e já fallou: na caz de mim pai tê
bastant criad qui tê munt comêr e eu aqui tá morrê fom!

(Apud Ismael de Lima Coutinho, **Gramática Histórica**, Rio, Livraria Acadêmica, 1962, p. 70/72.

e). — crioulo de Damão: (cantiga de ninar):

Dol, (b), bá, badél,

Babá querê col.

Durmim, babá, durmim,

Son já vê par mim.

Lô, lô, lô,

Son já vê par mim.

Nun chorá, ali já vêu uá

Uá, vi, levá par minh babá.

Oh! mim mãe, ali já vêu, já vêu.

Não, não, babá já durmiu.

(Apud Gladstone Chaves de Melo, **Iniciação à Filologia Portuguêsa**, Rio, Livraria Acadêmica, 1957, p. 163).

ROLANDO MOREL PINTO

Livre-docente da Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.